

Conceitos e Práticas empreendedoras na Visão Econômica e Administrativa

FUZETTI, Diana L. Kochmanski

Resumo

O empreendedorismo tem caráter de suma importância devido ao seu papel na sociedade, uma vez que, por meio de oportunidades contribui para a expansão da economia e, para a atividade empreendedora, está vinculada ao crescimento. Porém, o empreendedorismo, em si, não se dá sem que exista uma organização e pessoas envolvidas. O sucesso depende de pessoas que, por meio da aplicação de seus conhecimentos, competências e talentos, provocam, mobilizam e processam com os recursos ou estruturas existentes, produzindo resultados. Tais resultados necessitam ser bem conduzidos para atender às demandas de seu mercado e, assim, garantir crescimento e prosperidade. Assim, embora não se tenha uma exata definição de empreendedorismo, não se pode negar o seu poder econômico e sua contribuição ao inspirar indivíduos criativos na busca de oportunidades e disposição para assumir riscos e incertezas. Indivíduos criativos, que aproveitam oportunidades, realizam novas combinações, enfim, que inovam ao romper o equilíbrio do fluxo circular. A metodologia, caracterizada por uma abordagem qualitativa, contempla a pesquisa exploratória e o levantamento bibliográfico sobre o assunto.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Empreendedor; Inovação; Criatividade; Risco; Incerteza.

Abstract

Entrepreneurship has character of great importance due to its role in society, since, through opportunities contributes to economic expansion and for entrepreneurial activity, is linked to growth. But entrepreneurship in itself, does not occur without there being an organization and the people involved. Success depends on people who, through the application of their knowledge, skills and talents, provoke, mobilize and process with the resources or existing structures, producing results. These results need to be well managed to attend the demands of your market and thus ensure growth and prosperity. So although no one has an exact definition of entrepreneurship, cannot denying its economic power and its contribution to inspire creative individuals in search of opportunities and disposition to take risks and uncertainties. Creative individuals, who take advantage of opportunities, carry out new combinations, in short, that innovate to break the balance of the circular flow. The methodology, characterized by a qualitative approach, contemplates the exploratory research and the literature about the subject.

Key Words: Entrepreneurship; Entrepreneur; Innovation; Creativity; Risk; Uncertainty.

Resúmen

Emprendimiento tiene carácter de suma importancia debido a su papel en la sociedad, ya que, a través de oportunidades contribuye a la expansión económica y para la actividad empresarial, está vinculado al crecimiento. Pero el emprendimiento en sí mismo, no se produce sin que exista una organización y las personas involucradas. El éxito depende de las personas que, a través de la aplicación de sus conocimientos, habilidades y talentos, plomo, movilizan y procesan los recursos o estructuras existentes, que producen resultados. Estos resultados deben ser bien administrados para satisfacer las demandas de su mercado y por lo tanto asegurar el crecimiento y la prosperidad. Por lo tanto, si bien no tiene una definición exacta de la iniciativa empresarial, no se puede negar su poder económico y su contribución a inspirar a las personas creativas en busca de oportunidades y la voluntad de asumir riesgos e incertidumbres. Las personas creativas que se aprovechan de las oportunidades, realizan nuevas combinaciones, en fin, que innovan para romper el equilibrio del flujo circular. La metodología, que se caracteriza por un enfoque cualitativo consiste en la investigación exploratoria y de la literatura sobre el tema.

Palabras clave: Emprendimiento; Emprendedores; Innovación; Creatividad; Riesgo; Incertidumbre.

1 INTRODUÇÃO

A expressão empreendedorismo parece ter sido originada da expressão *entrepreneurship*, da língua inglesa, porém, composta da palavra francesa *entrepreneur* e do sufixo inglês *ship*, que, segundo Dolabela (2002, p. 47) “era usada no século 12 para designar aquele que incentivava brigas” e que no final do século 18 passou para a conotação de pessoas que criavam e conduziam projetos e empreendimentos. Há sobre o empreendedorismo e o empreendedor, estudos que aponta fatores de comportamento sociológicos, característicos de empreendedores, bem como fatores ambientais e econômicos como determinantes em ações empreendedoras. O tema ressalta, muitas vezes, a sua importância no crescimento econômico, à análise brilhante do desenvolvimento econômico, feita pelo economista Joseph Alois Schumpeter (1883–1950), sobre indivíduos com visão, dispostos a arriscar na incerteza e os investidores em novos produtos. Ambos representam o motor que reúne o capital humano e físico das organizações, estimulando, dessa maneira, o crescimento econômico.

Dolabela (2002) um dos teóricos da área explica que existem muitas definições do termo empreendedor, principalmente porque são propostas por pesquisadores de diferentes campos, que utilizam os princípios de suas próprias áreas de interesse para criar um conceito. Duas correntes são consideradas principais: dos economistas, que associaram o empreendedor à inovação, e dos comportamentalistas, que enfatizaram aspectos atitudinais, como a criatividade e a inovação.

No Brasil as iniciativas nesse campo datam da década de 80. Entende-se que os estudos e pesquisas, ou até mesmo o incentivo ao empreendedorismo, estão apenas começando. Citado por Dolabela (2002, p.53), Timmons do *Babson College* em Wellesley ressalta: “estamos diante de uma revolução silenciosa, assim como a revolução industrial foi para o século XX”. Vários são os projetos governamentais para incentivar a cultura empreendedora com o intuito de acelerar o seu crescimento. Também as universidades, cada vez mais, procuram disseminar a cultura empreendedora por considerar uma trilha, quase que obrigatória, da graduação.

A importância do empreendedorismo se dá por seu papel na sociedade, que por meio de oportunidades contribui para a expansão da economia e, por sua vez, para a atividade empreendedora, que se mostra vinculada ao crescimento. Porém, o empreendedorismo, em si, não se dá sem que exista uma organização e pessoas envolvidas por esta.

O objetivo principal visa compreender as implicações sobre o processo da inovação na visão de Schumpeter (1982) em função do papel exercido pelo empreendedor no desenvolvimento das empresas. Em função do importante papel exercido pela figura do empreendedor, faz-se necessário um entendimento sobre os aspectos que contribuem para a questão do crescimento da organização e que sirvam para sustentar instrumentos que auxiliem no entendimento a respeito desse processo.

Dessa forma, este artigo possui características que justificam sua importância tanto para o contexto acadêmico quanto para o contexto empresarial. No contexto empresarial pode-se citar a importância em estudar conceitos relativos ao empreendedor, na concepção schumpeteriana, o inovador, e sua relevância como estratégia de negócios frente às mudanças ambientais, uma vez que o empreendedorismo, por seu conceito, é o estudo relativo ao empreendimento, suas origens, seu sistema de atividades e o universo de atuação.

Em função do caráter exploratório, o artigo se deu por levantamento de material bibliográfico, sobre o assunto. Para isso, trataremos a seguir sobre alguns conceitos relevantes do empreendedorismo, no Brasil e no mundo de acordo com os autores.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Na primeira seção, será discutida a formação do conceito sobre a prática empreendedora pelos diversos autores economistas e comportamentalista e a criação de novos negócios. Na segunda seção, será tratado sobre a história do empreendedorismo, detalhando como é considerado no Brasil e no mundo por uma visão diferenciada, esclarecendo a importância da evolução no processo de criação de negócios.

2.1. Empreendedorismo

Filion (1999) esclarece sobre as teorias propostas pelos diversos autores, discute uma construção conceitual no campo em que os autores acreditaram que deveriam ser incluídos critérios de desempenho, por existirem mudanças constantes no cenário empresarial, justificando o fato que os empreendedores aprendam a partir do que fazem. Porém, numa observação mais detalhada pode-se acrescentar que a intensificação do estudo sobre o empreendedorismo no Brasil iniciou em 1990, pois segundo relata Dornelas (2001), antes disso não se falava em empreendedorismo, por não haver a necessidade de se discutir sobre criação de novas empresas, sendo um assunto relativamente recente, e que o conhecimento e os conceitos estão em evolução contínua.

Pode-se perceber que as diversas áreas participantes do tema conduzem a diversas interpretações, as quais buscam interpretá-las de acordo com seus fundamentos. Os estudos e pesquisas realizadas pelos pensadores do empreendedorismo têm o intuito de formalizar e esclarecer o assunto. De modo geral existe a provocação de Dewes *et al.* (2004) enfocando que, apesar de significativas as pesquisas sobre o assunto, o que existe é um conjunto de conceitos que norteiam a pesquisa, e que isso poderá, futuramente, contribuir para a construção de uma teoria universal. Como exemplo pode-se citar McClelland (1962), Schumpeter (1984), Drucker (2002), Dolabela (2002) e Dornelas (2003) dentre outros, que apresentam critérios sobre o empreendedorismo. No entanto, embora não exista um consenso quanto à definição para o termo, cabe ressaltar alguns critérios propostos por pesquisadores desse campo, que utilizam os princípios de suas próprias áreas de interesse para construir tais conceitos.

Citando Schumpeter (1982), conceitua o empreendedorismo como a realização de novas combinações, sendo que cinco tipos de inovações podem ser identificados: introdução de um novo bem ou de uma nova qualidade de bem; introdução de um novo método de produção ou comercialização de um bem; abertura de novos mercados; conquista de novas fontes de oferta de matérias-primas ou de bens semifaturados; e estabelecimentos de uma nova organização de qualquer indústria, abrangendo, assim, as coisas novas e as novas maneiras de se fazer. Para o autor qualquer pessoa que realizar qualquer tipo de inovação apresentada anteriormente é um empreendedor. A partir do momento em que não se inova não se realiza o ato empreendedor. Cabe lembrar que as ideias de Schumpeter foram aproveitadas por David McClelland (1972) no início da década de 60 na formulação da perspectiva psicológica do empreendedorismo e por

Drucker (2002) na perspectiva da gestão do empreendedorismo. Como resultado disso deu-se um conjunto de pesquisas de conceitos sobre o comportamento empreendedor. Assim, houve um grande interesse no campo do conhecimento científico da Psicologia; pesquisas estas realizadas por cientistas comportamentalistas ou behavioristas que dedicaram principalmente ao estudo da pessoa do empreendedor, suas ações e atitudes.

Cabe lembrar que o Behaviorismo é um termo relacionado às variáveis condicionantes do comportamento, segundo Bernardi (2003). Uma das principais ideias de McClelland (1972) no enfoque comportamental revela que um povo estimulado por determinadas influências desenvolve uma grande necessidade de realização pessoal, como força motivadora do comportamento empreendedor, ou seja, cabe à sociedade fomentar nas pessoas a vontade de vencer, pois os seres humanos tendem a repetir modelos, assim maior será a motivação por empreender, assumindo os riscos para se beneficiar dos lucros (DOLABELA, 2002). O comportamentalista também buscou explicar o crescimento econômico de países e civilizações por métodos das ciências comportamentais, o que abriu espaço para novas pesquisas globais sobre a importância do nível de empreendedorismo de uma sociedade num país. O autor afirma que a necessidade individual por realizações reflete as “expectativas normativas de uma sociedade”, e que o empreendedorismo é uma qualidade pessoal. Para tanto, Dolabela (2002) esclarece que, apesar das pesquisas na área não foi possível estabelecer cientificamente um perfil psicológico do empreendedor.

Buscando o sentido, Fillion (2004) debruçou sobre o tema para entender o ser humano empreendedor. Sustenta que o empreendedorismo é um fenômeno cultural e social proveniente de fatores e atitudes comportamentais que variam de um lugar para outro, dependendo de situações como o ambiente em que se encontra. Ainda, Dolabela (2002) considera que o empreendedorismo é a formação de um empreendimento, somado às características ambientais, de acordo com os diversos ramos de atividade. Melhor explicando, nessa perspectiva é preciso levar em conta os ambientes da empresa, desde seu projeto e estruturação, projetados no plano de negócios bem como reconhecer o seu bom desempenho: pela capacidade de identificar e antecipar-se às mudanças externas, pelas características de seus consumidores, pelos seus competidores, fornecedores e o governo. Enfim, as características citadas pelo autor referem-se a um ambiente favorável ao empreendedorismo, como também à vontade das pessoas em implementar negócios, às instituições de apoio local, facilidades para financiamento e outros fatores que favoreçam o desenvolvimento de ideias e projetos.

Porém, conforme cita Dornelas (2001), na compreensão de Dolabela (2002), fazem parte desse processo organizacional pessoas diferenciadas que, motivadas pelo que fazem, querem ser reconhecidas por suas atribuições, referenciadas por criar valor à sociedade, inovando, como observado anteriormente pelo comportamentalista. Vale lembrar que somente a motivação não é pré-requisito para o empreendedorismo, pois essas pessoas devem ser capacitadas para assumir novos mercados e as mudanças são propícias, visto que Dornelas (2001) afirma que a economia e os meios de produção e serviços também se sofisticaram, e que existe hoje a necessidade de formalizar conhecimentos, que eram apenas obtidos empiricamente, no passado. As organizações veem-se diante da necessidade de desenvolvimento de competências para suplantar esses novos desafios como pôde ser observado por Bernardi (2003), quando cita que anteriormente os métodos clássicos de gerir as organizações eram considerados como vantagem competitiva e que

hoje se tornaram obsoletos. A necessidade de mudança e a turbulência do ambiente resultam em um cenário econômico mundial que pode contribuir para o desemprego, como tratado por Oliveira (1995) quando cita que: [...] durante os anos 80, a ‘década perdida’, um número assustadoramente grande de pessoas perdeu o emprego e teve de “se virar” para sobreviver por meio de subempregos, ‘bicos’, trabalhos temporários, negócios próprios, atividades informais.

Para melhor esclarecer, na década de 80 houve a crise das elites econômicas, ou seja, as grandes indústrias brasileiras foram abaladas pela abertura da economia e pela globalização, houve um ajuste doloroso, milhares de pessoas foram dispensadas, muitas unidades foram abaladas pela abertura da economia e pela globalização, houve um ajuste doloroso, milhares de pessoas foram dispensadas, muitas unidades foram fechadas. A partir da segunda metade dos anos 80 o Brasil presenciou um importante crescimento das taxas de fundação de novos negócios, principalmente a terceirização das atividades não essenciais nas grandes e médias empresas, o que afetou a qualidade e quantidade do emprego (SACHS, 2003). Essas elites orgânicas se viram obrigadas a se reposicionarem diante das pequenas empresas como solução, pois nessa época, os pequenos empreendimentos passaram a exercer papel de “safenas” da crise, o que evitou o colapso do mercado (SOLOMON, 1986).

A evolução e as mudanças, às vezes, podem levar a processos inevitáveis de transição, diante de desafios, oportunidades e ameaças que, obrigatoriamente, demandam por mudanças de atitudes que podem romper com padrões anteriores reconhecidos e aceitos. Antes de apresentar as teorias, faz-se necessário analisar as transformações num certo espaço de tempo, em consequência das invenções que revolucionaram o estilo de vida das pessoas; algo inédito a considerar são as inovações. E, por traz dessas inovações existem pessoas ou grupos de pessoas com diversas características especiais que, persistentes, exploram oportunidades, arriscam algo diferente, para um sonho tornar-se real, ou seja, pessoas que empreendem.

2.2. História do Empreendedorismo

Cantillon (1680-1734), importante escritor e economista irlandês do século XVII, citado por Oliveira (1995) é também considerado um dos criadores do termo empreendedorismo, e um dos primeiros a diferenciar o empreendedor – aquele que assumia riscos – do capitalista – aquele que fornecia o capital. Vale explicar que, na época, com a abertura econômica do mundo, a mudança do regime rural e corporativo para uma economia mercantilista favoreceu as trocas, o que fez surgir a lei do comércio e, conseqüentemente, um especialista nas transações entre a oferta e a demanda. Esse especialista preocupava-se mais com o risco do mercado que com o processo de compra e venda (HUBERMAN, 1986). Oliveira (1995) ressalta que Cantillon empregou o termo para designar alguém que assumia riscos de contratar empregados ou comprar o produto do trabalho, sem a certeza de recolocá-lo ou vendê-lo. O termo empreendedor também foi utilizado, por volta de 1800, por Jean Baptiste Say (1767-1832), economista francês, diante das mudanças, com o intuito de distinguir o indivíduo que consegue transferir recursos econômicos de um setor com baixa produtividade, para um setor com produtividade elevada com maiores rendimentos (DRUCKER, 2002). Com este termo pôs-se a descrever e a referir-se à função desempenhada pelos empreendedores que arranjavam e administravam os itens de produção: terra, capital e trabalho, enfrentando os riscos associados à atividade. Farah (2001)

explica que, embora a sua preocupação fosse à área da economia, Say dedicou-se aos estudos da criação de novos empreendimentos, desenvolvimento e gerenciamento de negócios.

Cantillon (1680-1734 apud Oliveira 1995) e Jean Baptista Say (1767-1832 apud Drucker, 2002) determinaram sua atenção para o papel do empresário, ao analisar as dificuldades na sua administração e a criação de novas empresas. Os economistas foram os primeiros na constatação da importância da função do empreendedor no processo, pois aquela função do empreendedor demandava uma atenção às variações do mercado, uma percepção por oportunidades e a assunção dos riscos. Say (1964) referenciou o empreendedor como responsável por reunir todos os fatores de produção e descobrir no valor dos produtos a reorganização de todo capital empregado, o valor dos salários, o juro, o aluguel, bem como os lucros que lhe pertencem, ou seja, uma definição do empreendedorismo bem mais centrada nos negócios (DRUCKER, 2002). O destaque aqui dado à informação anteriormente citada não definiu o perfil de quem seria o empreendedor, Say (1964) apenas limitou-se a dizer que os empreendedores organizam os fatores de produção de maneira a satisfazer as necessidades ilimitadas das pessoas (TROSTER & MOCHON, 2004).

Drucker (2002) descreve que na Alemanha, já por volta de 1870, Georg Siemens se preocupava com os empreendedores, e fundou o *Deutsche Bank* com o objetivo de localizar empreendedores, financiá-los e até forçar a adoção de uma administração mais organizada. O autor enfatiza que na história dos Estados Unidos, nessa época, os bancos eram voltados para os empreendedores, como a exemplo de J.P. Morgan, banqueiro empreendedor em Nova York que desempenhou um papel semelhante. Mais tarde, por volta de 1900, o economista e professor da Universidade de Harvard, Joseph A. Schumpeter deu um novo significado ao termo empreendedor, colocando o termo e o papel desempenhado pelos empreendedores na sociedade como centros das atenções no século 20, retratando-os como algo que provocava o desequilíbrio e desorganizava a ordem vigente, sendo responsáveis pela transformação e pelo desenvolvimento econômico. Para o autor, o empreendedor seria o ator central no processo de mudança pela introdução das inovações (SCHUMPETER, 1982).

Conforme destaca Schumpeter (1982) o empreendedor é alguém que faz novas combinações de elementos, é o ator principal na inovação e no processo produtivo, favorecendo novos processos ou até mesmo novos produtos, identificando novas posições no mercado, ou criando novos tipos de organizações e desorganizava, em outras palavras, deixando velhos processos para trás e criando novos. Para melhor explicar, a influência do empreendedor na economia, Schumpeter, inferiu o empreendedor como elemento de alavancagem da economia, tinha uma função de grande importância: a destruição criativa, em que velhas indústrias são continuamente substituídas por novas. Desse modo, tem-se a visão do empreendedor como aquele que, considerando como base às inovações, conforme descritas anteriormente, cria condições para materializá-las no mercado, conduzindo essas oportunidades a empreendimentos que poderão vir a ser sucesso.

No entanto, cabe salientar que sua abordagem é econômica e que buscou um maior entendimento da dinâmica do capitalismo, dos seus ciclos econômicos de crescimento e recessão. Teve sua atenção voltada para as inovações ocorridas no processo produtivo, que causaram e causam rupturas no fluxo circular de produção, constituindo-se em agentes desequilibradores. Seu fascínio pelo empreendedor criou um estereótipo, considerando-o como herói do capitalismo

moderno. Schumpeter (1982) considera o empreendedor de suma importância por provocar impacto na economia, quebrando antigos padrões e contribuindo para o desenvolvimento da sociedade em todos os sentidos. Essa reflexão e a busca por novas opções de desenvolvimento puseram em cena a sua obra, que tem como foco a gênese do capitalismo, o significado do papel do empreendedor e a importância da inovação, como fator de desenvolvimento.

Já no final do século XIX e início do século XX, frequentemente os empreendedores eram confundidos com os gerentes e/ou administradores, sendo analisados apenas do ponto de vista econômico, a exemplo daqueles que planejavam, dirigiam e exerciam controle nas organizações, mas a serviço apenas do capitalista (DORNELAS, 2001). Ao fazer a distinção entre administrador e empreendedor pode-se enfatizar que, enquanto o primeiro tem como objetivo as ações e realidade existentes na organização e a atuação de forma eficiente e eficaz sobre seus deveres para com a mesma, o empreendedor busca a materialização de novas oportunidades, quer pela criação de uma nova empresa, ou uma ação inovadora em uma empresa em existência. Essa concepção sobre a existência de pessoas dentro de uma organização foi denominada, de acordo com Pinchot (2004), como *Intrapreneur*, ou seja, um empreendedor interno indica aqueles que transformam ideias em realidade, mesmo sem deixar a organização em que atuam. Refere-se à existência de pessoas dentro de uma organização, qualquer posto hierárquico ou funcional.

O autor ressalta que, muitas das maiores realizações empresariais foram conduzidas por *intrapreneurs*. Propõe que as organizações incentivem o surgimento como uma maneira de motivar e alavancar seus negócios, e explica que nem sempre isso é fácil de fazer. Apesar da dificuldade das organizações em apoiar intraempreendedores por receio que possa tornar-se anárquica, atualmente existem empresas que incentivam seus empregados a serem empreendedores – fazem programas de recompensa e remuneração a seus funcionários que atuam de modo empreendedor ou inovador. Atuar de modo inovador, em um mercado que exige cada vez mais competitividade, passa a ser pré-requisito para indivíduos e organizações.

Vale lembrar que o vocábulo *entrepreneur* é francês, de origem latina e que foi incorporado à língua inglesa pela própria falta de uma consonância que se adequasse ao idioma e que, segundo Oliveira (1995), apresenta, no português “empreendedor”, o melhor vocábulo estrangeiro em nossos textos, ou seja, uma combinação perfeita com o termo *entrepreneur* e seu significado. Dolabela (2002) destaca que embora sabendo que os economistas foram os primeiros a perceberem a importância dos empreendedores nos processos, estes raramente integram os modelos clássicos de desenvolvimento econômico, que estão fortemente estruturados, em funções matemáticas, e abordagens quantitativas inadequadas, para explicar o comportamento dos empreendedores no desenvolvimento organizacional. Ressalta-se aqui a teoria neoclássica.

O período neoclássico iniciou na década de 1870 até as primeiras décadas do século XX e apesar de as questões microeconômicas serem consideradas o centro de estudos econômicos, houve destaque da teoria de desenvolvimento econômico apresentada por Schumpeter (1982). Tal teoria explica que as pessoas têm livre acesso às informações necessárias para a tomada de decisão. Sendo assim, com conhecimento perfeito e sem custo de transação, a alocação de recursos é eficiente, não havendo motivos da colaboração de um empreendedor, pois um “matemático” realizaria mecanicamente as mudanças no ambiente externo, sobre o qual não teria nenhuma influência (CORRÊA, 2000). Caso se procure pelo papel empreendedor nas teorias econômicas convencionais, o que chamará a atenção será exatamente a relativa ausência desse

personagem, que permaneceu por muito tempo negligenciado. Se for figura que ocupa lugar destacado nos debates sobre política econômica ou desenvolvimento, sua função nos modelos e teorias microeconômicas é, quando muito, secundária.

Não deixa de ser curioso que a razão desse descaso com a figura do empreendedor possa ser encontrada nas próprias características da teoria neoclássica da firma. Nela, a empresa deve decidir sobre quantidades e preços de insumos e produtos, de modo a maximizar seu retorno, tomando por base um conjunto conhecido de funções de produção que relacionam de modo determinado os insumos e produtos. O que a firma faz é executar uma série de cálculos, reagindo às mudanças externas do ambiente econômico, de modo a assegurar-se de que continuará maximizando seu resultado, conforme ressalta Correa (2000).

Já o neoclássico Knight (1972) tentou fazer distinção entre risco e incerteza, a propósito da atitude de um empreendedor. Segundo o autor, riscos significam as atitudes recorrentes, passíveis de se estabelecerem modelos de ocorrência de eventos, mesmo não existindo dados mensuráveis ou possibilidades de estabelecerem dados probabilísticos. A incerteza ocorre quando não existe precedência ou sequer possibilidade de estabelecerem dados probabilísticos. Conceitua o empreendedor pela capacidade de previsão em lidar com os riscos e as incertezas. Essa imprecisão provém do fato de que a incerteza faz parte das características do mundo em que se vive, conjuntamente com os agentes de mercado, assim, toda e qualquer ação humana envolve alguma incerteza. Esse autor considera ainda, que ao adotar estratégias de atuação que levam as empresas à maximização dos lucros, os empresários envolvem-se em riscos e incertezas. Identifica, assim, como atributo do empreendedor, a superior capacidade de prever acontecimentos em relação às atitudes tomadas na implementação das suas estratégias de atuação.

2.3. Empreendedorismo no Mundo

Existe grande interesse em todo o mundo pelo empreendedorismo. Dornelas (2001) comenta que no ano de 1998, a *Organization for Economic Co-operation –Development* (OECD)- Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico - publicou um informe *Fostering the Entrepreneurship: A Thematic Review* com o objetivo de compreender o estágio de desenvolvimento do empreendedorismo e quais políticas seriam mais prósperas naqueles países da OECD. O autor ressalta também que, a Comissão Europeia apresentou um relatório para seu conselho de Ministros, “*Fostering Entrepreneurship: Priorities for the Future*”, cuja proposta era simplificar a abertura de novas empresas, facilitar acesso ao crédito e motivar o espírito empreendedor da comunidade.

Para focar melhor o tema, Cruz (2003) cita um estudo que é realizado anualmente pela *London Business School* e pelo *Babson College*, desde o ano de 1999, do qual o Brasil participa desde 2000, ano em que foi implementado o GEM Brasil pelo IBQP (Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade). O GEM1 (*Global Entrepreneurship Monitor*) é um projeto de pesquisa que tem a finalidade de aprofundar o conhecimento sobre questões relacionadas ao empreendedorismo; tais como: as diferenças entre os países em termos de capacidade empreendedora; a contribuição do empreendedorismo para o crescimento econômico e tecnológico; relações entre riquezas de oportunidades empreendedoras e a capacidade dos indivíduos em explorar novas oportunidades e o potencial dos governos para promover o empreendedorismo.

Nesse estudo o GEM (Global *Entrepreneurship* Monitor) analisa o nível de atividade empreendedora em diversos países. Seu principal indicador quantitativo é a Taxa de Atividade Empreendedora Total (TAE) (SOUZA & GUIMARÃES, 2005). A TAE2 indica a proporção de empreendedores na população adulta; é formado como a relação entre o número de habitantes que começam um novo negócio ou expandem e o total da população de adultos. Conclui-se que o Brasil ocupa a 7ª posição entre 30 países analisados com a maior taxa de empreendedorismo. Pelas pesquisas GEM, o Brasil tem ostentado altas taxas de atividade empreendedora, o que o faz estar entre os países que possuem mais empreendedores no universo pesquisado.

Vale ressaltar que as pesquisas elaboradas nesses países se ajustam à situação brasileira na qual se destacam o ensino e a participação da mulher na economia (CRUZ, 2003). A GEM endossa que países onde as políticas são mais efetivas, como os Estados Unidos, de cada 12 pessoas é criada uma empresa e que as perspectivas de crescimento econômico são maiores do que em países como a Finlândia, que é de 67 pessoas para cada 10. Segundo essa instituição, as pesquisas evidenciaram que para que ocorra a atividade empreendedora em um país faz-se necessária a existência de um conjunto de valores sociais e culturais que encorajem e motivem a criação de novos negócios.

No que tange às pesquisas em empreendedorismo, Filion (1999b) destaca, conforme pode ser visto anteriormente, alguns temas que são desenvolvidos por pesquisadores em diversas universidades canadenses, como: a criação e desenvolvimento de empresas; capital de risco e financiamento das pequenas e médias empresas; empresas de alta tecnologia; estratégias de crescimento e parcerias estratégicas; redes; políticas governamentais e criação de empresas; sistemas de apoio ao empreendedorismo; incubadoras de empresas; empreendedorismo e pequenas e médias empresas nos países em desenvolvimento. Vale lembrar que se definem as incubadoras de empresas como um empreendimento que visa abrigar empresas desde o seu início, oferecendo a elas espaço físico, infraestrutura, recursos humanos e serviços especializados, seu propósito é estimular o surgimento de negócios resultante de projetos tecnológicos desenvolvidos nos centros de pesquisa universitários ou não (AIUB & ALLEGRETTI, 1998).

2.4. Empreendedorismo no Brasil

O fechamento prematuro das empresas no país é uma das preocupações da sociedade. A pesquisa do Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE e a Fundação Universitária de Brasília – FUBRA (2004) apuraram, em pesquisa de campo realizada no ano de 2004, a taxa de mortalidade empresarial no Brasil, para as empresas constituídas e registradas nas juntas comerciais dos Estados nos anos 2000, 2001 e 2002, revelando que 49,4% encerraram as atividades com até 02 (dois) anos de existência, 56,4% com até 03 (três) anos e 59,9% não sobrevivem além dos 04 (quatro) anos. Segundo essa pesquisa o que impulsiona a mortalidade das empresas é a falta de capital de giro, falta de clientes, falta de conhecimentos gerenciais e a recessão econômica.

Analisando os números, a preocupação da instituição está nos impactos dos indicadores socioeconômicos das regiões e do país. Para melhor explicar, segundo pesquisa do SEBRAE, tem-se grande impacto na economia com a dispensa de mão de obra, perda de poupança e distribuição de renda. Porém, o total das empresas extintas não representa perda total, pois uma

parcela dos recursos investidos é recuperada pelo dinamismo na criação de novas empresas todo ano, que chega a alcançar em torno de 470 mil empresas instaladas gerando assim novos empregos. Algum tempo atrás, na década de 80, era aventura um jovem recém-formado a iniciar sua própria empresa, pois nesse período havia várias outras oportunidades nas grandes corporações, repartições públicas e outros, oferecendo salários, status e possibilidade de crescimento dentro da própria organização.

Até o ensino de Administração, citado por Dornelas (2001, p.22) “[...] era voltado a este foco: formar profissionais para administrar grandes empresas e não para criar empresas”. Para isso, apenas criar empresas não é suficiente, é preciso que estas sejam bem administradas para que sobrevivam no mercado. Nessa época, começou-se a perceber uma mudança do cenário econômico do Brasil, marcado pelo aumento da opção do autoemprego e surgimento de empreendedores involuntários que, segundo Dornelas (2003), são também representados pelos recém-formados e por trabalhadores demitidos das corporações e órgãos públicos em virtude de reestruturação, fechamento, privatizações e outros. As iniciativas em apoio ao empreendedorismo aparecem pulverizadas pelo país e diversificadas numa variedade, por meio de programas e projetos com a finalidade de apoiar, estimular e desenvolver também aquele que se lança sozinho ou na companhia de sócios, com missão de conquistar um nicho de mercado identificado e a descoberto. Como exemplo, pode-se citar a 3M, que iniciou como um grupo de investidores e hoje é uma das maiores empresas do mundo. Algumas instituições que marcaram o movimento no Brasil foram o SEBRAE (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e a SOFTEX (Sociedade Brasileira para Exportação de Software), empresas estas privadas com apoio do governo, que por meio de programas específicos, intensificaram o empreendedorismo nacional.

A Softex foi fundada em 1993 é uma entidade instrumento de apoio à produção e comércio de software brasileiro promovendo excelência da tecnologia nacional. Essas organizações são jovens, com fundação posterior a 1990. A sociedade Softex tem trabalhado também para difundir a importância de Planos de Negócios, diversificar as fontes de investimentos e incentivar a cultura empreendedora no setor (CRUZ, 2003). Vale lembrar um pouco da história dos pequenos e grandes empreendimentos. As pequenas organizações, segundo Fillion (2004), iniciaram no Brasil em meados do século XVIII. Também pessoas que não eram ricas, como os latifundiários ou os donos de grandes minas, mas que não faziam parte da classe dos trabalhadores pobres desempenhavam seu papel, desde o humilde carpinteiro trabalhando sozinho, como autônomo.

Segundo Furtado (1988), uma das figuras que mais se destacou no Brasil no século XIX, no campo do empreendedorismo, foi o Visconde de Mauá, ou Barão de Mauá. Industrial, banqueiro, político e diplomata, é um símbolo dos capitalistas empreendedores brasileiros desse século. Iniciou seus negócios em 1846 com uma pequena fábrica de navios em Niterói (RJ). Em um ano, inaugurou a maior indústria do país e, com mais de mil operários produziu navios, caldeiras para máquinas a vapor, engenhos de açúcar, guindastes, prensas, armas e tubos para encanamentos de água. Foi pioneiro no campo dos serviços públicos: organiza companhias de navegação a vapor no Rio Grande do Sul e no Amazonas; em 1852 implantou a primeira ferrovia brasileira, entre Petrópolis e Rio de Janeiro, e uma companhia de gás para a iluminação pública do Rio de Janeiro, em 1854.

Dois anos depois inaugurou o trecho inicial da União e Indústria, a primeira rodovia pavimentada do país, entre Petrópolis e Juiz de Fora. Em sociedade com capitalistas ingleses e cafeicultores paulistas, participa da construção da Recife and São Francisco Railway Company; da ferrovia Dom Pedro II (atual Central do Brasil) e da São Paulo Railway (hoje Santos-Jundiaí). Iniciou a construção do canal do mangue no Rio de Janeiro e foi responsável pela instalação dos primeiros cabos telegráficos submarinos, ligando o Brasil à Europa. No final da década de 1850, o visconde funda o Banco Mauá, MacGregor & Cia., com filiais em várias capitais brasileiras e em Londres, Nova York, Buenos Aires e Montevideu. Liberal, abolicionista e contrário à Guerra do Paraguai, torna-se *persona non grata* no Império. Suas fábricas passam a ser alvo de sabotagens criminosas e seus negócios são abalados pela legislação que sobretaxava as importações. Em 1875, o Banco Mauá vai à falência. O visconde vende a maioria de suas empresas a capitalistas estrangeiros.

Impulso à industrialização – em 1844 foi criada a tarifa Alves Branco, que aumenta as taxas aduaneiras sobre três mil artigos manufaturados importados. Seu objetivo era melhorar a balança comercial brasileira, que acaba impulsionando a substituição de importações e a instalação de inúmeras fábricas no país. Com o fim do tráfico negreiro, os capitais empregados no comércio de escravos também impulsionaram a industrialização. Furtado (1988) ressalta que, com a vinda de Dom João VI para o Brasil, transferindo a sede do reino português e abrindo os nossos portos às nações amigas, houve o favorecimento da expansão do comércio, pois até então, segundo o autor, desde que Portugal fora vice-reino da Espanha, não entrara muitos estrangeiro na colônia.

Como já mencionado, a abertura dos portos trouxe o fortalecimento do comércio de bens de capital e consumo, favorecendo o desenvolvimento de novos negócios, pois, com os portos fechados, todo sistema era efetuado pela corte Portuguesa, bloqueando o desenvolvimento. Em sequência Solomon (1986) descreve que, logo após a chamada “Grande Depressão”, gerada pela queda da bolsa de Nova York em 1929, a economia rural começou a liberar investimentos para as empresas urbanas. Com a Primeira Guerra Mundial, no século XX a nascente indústria nacional foi se impondo aos pequenos empreendimentos. O primeiro pós-guerra intensifica ainda mais o processo de urbanização no Brasil, com a migração do exterior e do meio rural, criaram novos empreendimentos, principalmente os profissionais artesãos, operários e liberais. Da mesma forma, o autor relata que na era de Getúlio Vargas iniciaram-se os grandes empreendimentos e os grandes projetos nas áreas básicas de matérias-primas, a exemplo da Siderúrgica de Volta Redonda, da Fábrica Nacional de Motores e da Petrobrás.

Em 1955 ocorreu a eleição de Juscelino Kubitschek, e seu governo caracterizou-se por uma política de substituição de importações e de investimentos externos de produção industrial, favorecendo a expansão e proteção dos bens de consumo duráveis. Também com a substituição das importações e novos investimentos internos, o fluxo da economia das grandes empresas expandiu-se em consequência do aparecimento de novos produtos e de novos processos.

Ainda Solomon (1986) explica que, a partir dos governos militares pós-64, o governo voltou-se aos grandes conglomerados econômicos, beneficiando as grandes organizações. Registram-se nesse período, também, algumas ações voltadas para os pequenos empreendimentos, sendo que uma delas foi a criação, em 1972, do CEBRAE - Centro Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa. Esse Centro foi vinculado ao Governo Federal e em

1991 passou a se denominar SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio à Pequena e Média Empresa desligou-se do setor público para se tornar na atual organização civil sem fins lucrativos atuando como prestadora de serviços sociais, autônoma. O SEBRAE consolidou-se como uma entidade composta por representantes da iniciativa privada e do setor público sintonizando ações para estimular e promover empresas de pequeno porte com as políticas nacionais de desenvolvimento econômico e social do País.

3. Conceitos sobre o Empreendedor

O SEBRAE criou um conceito do empreendedor destacando-o como o indivíduo que possui ou busca desenvolver uma atitude de inquietação, ousadia, e proatividade no envolvimento com o mundo, condicionada por características pessoais, pela cultura e pelo ambiente, que favorece a interferência criativa e realizadora, buscando no envolvimento, ganhos econômicos e sociais. Assim, espera-se que um empreendedor seja regido pela motivação de maximizar lucros, pela lógica de mercado, pela minimização de custos, maximização da taxa de crescimento; para tanto, cria uma empresa com fins lucrativos, na qual sua recompensa é o sucesso.

Além disso, as condições do macro ambiente exercem grande influência na sociedade, apresentando-se altamente instáveis, com grandes mudanças, dinâmicas e situações inesperadas. Diante de novas situações, e de forma constante, é preciso ser criativo. O ser criativo está diretamente ligado à inovação e/ou ideias brilhantes. A criatividade é uma imediata resposta à obtenção de um resultado positivo, é a capacidade de produzir algo essencialmente novo, para que cada situação não seja repetitiva e aconteça no momento exato, correspondendo às expectativas. Os empreendedores criam valor à sociedade pelo capital intelectual, dinamizando a economia pela inovação, sempre usando a criatividade em busca de soluções para melhorar a vida das pessoas. Observa-se, assim, que o empreendedor é aquele indivíduo capaz de aproveitar as chances das mudanças tecnológicas e introduzir processos inovadores nos mercados, é o mesmo que idealizar uma empresa, criar imagens, criar produtos e mercados.

Os empreendedores são destacados pela sua capacidade de idealizar e conduzir o processo criativo de novas unidades de produção. De várias maneiras, fazem combinações de inovações tecnológicas com o aumento da produção e diminuição dos custos com apresentação da qualidade. Dessa maneira são responsáveis pelo desenvolvimento empresarial ou criação de novas unidades empresariais que, conseqüentemente, levam à geração de novos empregos, justificando a contribuição deste para o crescimento econômico. Embora existam diferentes enfoques sobre o empreendedorismo, o termo empreendedor, que se pretendeu abordar foi o da abordagem econômica de Schumpeter (1984) e não a dos comportamentalistas. O economista descreve o empreendedor e o seu papel como inovador no processo de renovação constante da economia capitalista, ou seja, é o agente do processo de destruição criativa, e é o impulso fundamental que aciona e mantém o andamento do motor capitalista.

Diversos são os autores que analisam o empreendedor e seu papel no desenvolvimento econômico e social de um país, ou mesmo de uma região. A definição do empreendedor, bem como do papel que desempenha nesse contexto, acompanha as constantes mudanças observadas. Em Barreto (1998) constam definições que caracterizam a palavra “empreender”, como derivada

de *imprenderere*, do latim, e incorporada à língua portuguesa no século XV. A expressão “empreendedor”, segundo o Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, de 1986 teria surgido na língua portuguesa no século seguinte. Mesmo sabendo que existe a dificuldade, Filion (2004) caracteriza o empreendedor como um indivíduo de grande criatividade, com capacidade de estabelecer e que atinge objetivos, o que mantém alto nível de consciência do ambiente em que vive. Um empreendedor que continua a aprender a respeito de possíveis oportunidades de negócios e a tomar decisões moderadamente arriscadas que objetivam a inovação continuará a desempenhar um papel empreendedor.

Dentro do contexto, além dos aspectos apresentados, o autor destaca o empreendedor pela criatividade e capacidade de aproveitar as oportunidades de forma consciente, correndo riscos moderados. É interessante ressaltar o que Mintzberg *et al.* (2000) destacam sobre o papel do empreendedor na economia neoclássica: o empreendedor tem papel proeminente na teoria econômica neoclássica. Entretanto, era limitado a decidir quais quantidades produzir e a que preços. A dinâmica do mercado competitivo cuidava do resto. A ascensão das grandes empresas forçou os economistas a modificar a teoria econômica, dando origem à teoria do oligopólio (a qual forma a base da escola de posicionamento). Mas, mesmo assim, o empreendedor ainda tinha pouco a fazer além de calcular preços e quantidades (MINTZBERG *et al.* 2000, p.100). Esta definição enfatiza o empreendedor como o criador de riqueza por meio de acontecimentos que propiciam situações a qual combina determinados recursos em favorecimento da sociedade. Mintzberg *et al.* (2000) esclarecem que outros economistas, como Karl Marx, tinham essa visão estreita do empreendedor, uma grande falha da Economia. Marx considerava que os empreendedores eram agentes de mudanças econômicas e tecnológicas e criticava fortemente seu impacto sobre a sociedade em geral. Ainda segundo interpretação de Mintzberg *et al.* (2000), quem colocou o empreendedor em proeminência no pensamento econômico foi Schumpeter.

Assim, Schumpeter (1984) desenvolveu as ideias sobre o papel central da capacidade empreendedora; ideias estas que chegaram ao debate público na década de 1930, focadas nesse processo. Este introduziu sua noção denominada destruição criativa, significando ser um mecanismo que permite ao mercado a manutenção da constante mudança, eliminando elementos não necessários, caracterizando a essencialidade do capitalismo (FOSTER & KAPLAN, 2002).

Chiavenato (2004) ressalta ainda que: os empreendedores são heróis populares do mundo dos negócios. Fornecem empregos, introduzem inovações e incentivam o crescimento econômico. Não são simplesmente provedores de mercadorias ou de serviços, mas fontes de energia que assumem riscos inerentes em uma economia em mudança, transformação e crescimento. Continuamente milhares de pessoas com esse perfil – desde jovens adolescentes a cidadãos mais idosos e de todas as classes sociais – inauguram novos negócios por conta própria e agregam a liderança dinâmica que conduz ao desenvolvimento econômico e ao progresso das nações (CHIAVENATO, 2004, p.4).

Trata-se de uma definição um tanto surpreendente, pois leva à ideia de que a figura do empreendedor não se restringe apenas ao âmbito dos negócios, ou seja, está igualmente presente nas artes, na guerra, na ciência, em outros campos de atividade humana. Estão entre as atribuições do empreendedor a adaptação da estrutura organizacional às mudanças ocorridas ou que ocorrem no macroambiente ou no microambiente, assim como a distribuição de recursos, nas diversas atividades desenvolvidas. A contribuição dos empreendedores é fundamental para o

desenvolvimento econômico e geração de riqueza de um país ou região, seja como formadores de empresas, gerando empregos ou atuantes das grandes corporações contribuindo com o seu desenvolvimento e permanência das mesmas do mercado.

Empreendedores podem ser jovens que concluíram há pouco seus estudos; pessoas com conhecimento mais expressivo que repensaram sua carreira; mulheres iniciando no mercado de trabalho; aposentados experientes que não querem optar pelo lazer; desempregados que buscam alternativas, que se lançam no mercado formal ou informal; herdeiros que buscam uma opção diferente daquela da empresa familiar e todos que vislumbram no seu negócio uma opção digna e importante de desempenhar seu trabalho. Segundo Dornelas (2001) a era dos negócios baseados no conhecimento têm trazido surpresas para grandes conglomerados, acostumados a agir sempre da mesma forma, tratando os clientes da mesma maneira, achando que o sucesso do passado garantirá o sucesso no presente e, pior ainda, no futuro. Empresas pequenas, notadamente mais ágeis, conseguem se estruturar em pouco tempo, inovar não só nos produtos e serviços que oferecem, mas principalmente no seu modelo de negócio – talvez a principal inovação que o mundo dos negócios vem experimentando nas últimas décadas (DORNELAS, 2001, p. 6).

O ambiente competitivo requer mudanças rápidas. É necessário que as empresas se adequem à necessidade de promover novas competências para suplantar os desafios que surgem a cada momento. O foco das empresas, que trabalhavam no processo de produção em massa, havia sido por muito tempo, exclusivamente o custo. É interessante notar que as empresas pequenas veem possibilidade de serem mais ágeis por sua própria estrutura interna, que são capazes de agir rapidamente, adaptando-se e inovando ao mesmo tempo. A complexidade do mercado atual tem convidado um número cada vez maior de indivíduos a criar, de forma consciente, reconhecendo seus próprios recursos internos, em vez de apoiar um velho hábito anterior. Entende-se que por meio de ações inovadoras estes desenvolvem suas empresas, permitindo o fluxo circular da economia.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no apoio bibliográfico, examinando as diferentes correntes do pensamento da economia, sobre o papel do empreendedor, é possível visualizar várias maneiras de se tratar daquele que é responsável pelo rompimento do fluxo circular, ou seja, o empreendedor inovador por meio da “destruição criativa” tratada por Schumpeter (1982), significando que pode criar novas empresas no mercado ou estabelecer estratégias para a sua sobrevivência no mercado instável.

Cabe ressaltar que esses empreendedores têm características que o fazem inovar por meio da criatividade, reconhecendo os ambientes de incerteza. Para tanto, o reconhecimento das oportunidades do mercado está relacionado à sua reação diante das necessidades de demanda, suas características, estabelecendo novos processos que rompem o equilíbrio desse mercado, por meio de novas ideias.

Criam um novo negócio, promovido pela combinação de novos elementos, baseados em estratégias direcionadas para atendimento do mercado. São inovadores no conceito schumpeteriano, pois exercem um papel como inovador no processo de renovação da economia capitalista, sendo assim, ele é o agente do processo de destruição criativa.

REFERÊNCIAS

AIUB, George Wilson; ALLEGRETTI, Rogério Della Fávera. *Planejamento: orientação estratégica para análise de viabilidade e estruturação de incubadoras de empresa*. Porto Alegre: SEBRAE, 1998.

ASINELLI, 2006. Disponível em <http://www.anprotec.org.br>. Acesso em 30 dez 2005.

BARRETO, Luiz Pondé. *Educação para o empreendedorismo*. Núcleo para Estudos do empreendedorismo, Universidade Católica de Salvador – Salvador, 1998.

BERNARDES, Cyro, MARCONDES, Reynaldo Cavalheiro. *Criando empresas para o sucesso – empreendedorismo na prática*. São Paulo: Saraiva, 2003.

BERNARDI, Luiz Antonio. *Manual de empreendedorismo e gestão: fundamentos, estratégias e dinâmicas*. São Paulo: Atlas, 2003.

CHIAVENATO, Idalberto. *Empreendedorismo: dando asas ao espírito empreendedor*. São Paulo: Saraiva, 2004.

CORRÊA, David P. *O papel do empreendedor no crescimento da firma: dois estudos de caso*. Florianópolis, 2000, f.158. Dissertação (Mestrado em Economia) Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

CRUZ, Rosane. O empreendedor no processo de inovação de pequenas empresas de software do Rio Grande do Sul. In EGEPE - Encontro de Estudos sobre Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 3, 2003. Brasília. *Anais*. UEM/UEL/UMB, 2003. P.496-508.

DOLABELA, Fernando. *Oficina do empreendedor*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2002.

DORNELAS, José Carlos Assis. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. Rio de Janeiro: Campus, 2001.

_____. *Empreendedorismo corporativo*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

DRUCKER, Peter F. *Inovação e espírito empreendedor*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

FARAH, Osvaldo Elias. Empreendedorismo Estratégico. In: CAVALCANTI, Marly (Org.). *Gestão Estratégica de Negócios: Evolução, Cenários, Diagnóstico e Ação*. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2001.

FILION, Louis J. Diferenças entre sistemas gerenciais de empreendedores e operadores de pequenos negócios. *RAE – Revista de Administração de Empresas*, São Paulo. V. 39, n. 4, p.6-20, Out/Dez, 1999.

_____. Empreendedorismo: Empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *RAE – Revista de Administração de Empresas*. São Paulo. V. 34, Abril/Junho, 1999b.

_____. *Seminário Internacional Empreendedorismo e Educação*. Centro de Convenções do Campus SENAC, SP. 24 set 2004.

bioenergia em revista: diálogos, ano 5, n. 2, p. 50-66, jul./dez. 2015.

FUZETTI, Diana L. Kochmanski.

Conceitos e práticas empreendedoras na visão econômica e administrativa

HUBERMAN, Leo. *História da Riqueza do Homem*. Tradução de Waltensir Dutra. 21ªed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

KNIGHT, Frank H. *Risco, incerteza e lucro*. Trad. Hunfredo Cantuária. Rio de Janeiro: Editora Expressão e Cultura, 1972.

McCLELLAND, David. *A sociedade competitiva: realização e progresso social*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

McCLELLAND, David. *Business drive and National Achievement*. Harvard Business Review. Jul/Ago. p.99, 1962 In. DOLABELA, Fernando. *Oficina do empreendedor*. São Paulo: Cultura Editores Associados, 2002.

MINTZBERG, Henry; AHLSTRAND, Bruce; LAMPEL, Joseph. *Safari de estratégia*. Porto Alegre: Bookman Companhia Editora, 2000.

OLIVEIRA, Marco A. (org.). *Valen! Passos na trajetória de um empreendedor*. São Paulo: Nobel, 1995.

PINCHOT, Gifford. *Intraempreendedorismo na prática: um guia de inovação nos negócios*. Trad. Marcia de Andrade Nascentes da Silva. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SACHS, Ignacy. *Inclusão social pelo trabalho: desenvolvimento humano, trabalho decente e o futuro dos empreendedores de pequeno porte*. Rio de Janeiro: Editora Garamond: SEBRAE Nacional, 2003.

SAY, Jean-Baptiste, *A treatise on Political Economy: or, The Production, Distribution and Consumption of Wealth* Kelley, New York, 1964. In. DRUCKER, Peter F. *Inovação e espírito empreendedor*. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

SCHUMPETER, A Joseph. *Capitalismo, socialismo e democracia*. Trad. Sergio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

_____. *Teoria do desenvolvimento econômico*. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

_____. *A Theoretical Historical and Statistical Analysis of the Capitalist Process*. 2 vols. Nova York e Londres: McGraw-Hill Book Co., Inc., 1939. Edição revisada publicada em 1964. In.

FOSTER, Richard N, KAPLAN Sarah. *Porque as empresas feitas para durar não são bem sucedidas*. Tradução de Adriana Rieche. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

SOLOMON, Steven. *A grande importância da pequena empresa. A pequena empresa nos Estados Unidos, no Brasil e no Mundo*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1986.

SOUZA, Eda Castro Lucas de; GUIMARÃES, Tomás de Aquino (org.). *Empreendedorismo além do plano de negócios*. São Paulo: Atlas, 2005.

TROSTER, Roberto Luis & MOCHÓN, Francisco. *Introdução à economia*. São Paulo: Pearson Makron Books. 2004.

1 FUZETTI, Diana L. Kochmanski, possui graduação em Ciências Econômicas pela Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas de Presidente Prudente (1995), pós graduação em Administração Financeira - INPG Instituto Nacional de Pós Graduação e Economia Financeira- UNICAMP (2013) mestrado em ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - UNISAL(2006). Tem experiência na área de Administração de Empresas, Logística e Recursos Humanos, atuando principalmente nos seguintes temas: Teorias da Administração, Administração de Recursos Materiais e Patrimoniais, Logística Empresarial, Custos e Formação de Preços, Organização, Sistemas & Métodos, Gestão e Projetos e Viabilidade de Negócios, Introdução à Recursos Humanos. Atuo como docente na FAM- Faculdade de Americana e Centro Paula Souza, ETEC.